

Resenha

**Testamento, o filme.  
A vida pacata em uma casa de repouso: uma análise crítica<sup>1</sup>**



*Myriam Moreira Protasio*

**Sinopse:** Jean Michel, um solteirão de 73 anos, reside em uma casa de repouso administrada por Suzanne. Seu mundo é abalado pela chegada repentina de manifestantes que fazem campanha para a remoção de uma antiga obra que foi considerada um insulto às Primeiras Nações. Enquanto Jean Michel perde progressivamente a fé em um mundo dominado pelo politicamente correto, ele descobre um amor inesperado por Suzanne.

O filme *Testamento*, dirigido por Denys Arcand<sup>2</sup>, centra-se nas pautas políticas atuais criticando e apontando os desafios do “politicamente correto”, por meio da quebra de rotina que atravessa a vida pacata em uma residência para pessoas mais velhas e transformando em tema urgente um

<sup>1</sup> Este texto foi apresentado como finalização do curso *O Envelhecimento na perspectiva da Gerontologia Social*, em 2024, promovido pelo Portal do Envelhecimento.

<sup>2</sup> Diretor canadense com 40 anos de atuação e um dos mais reconhecidos diretores de Quebec. Iniciou a carreira realizando documentários históricos e recebeu inúmeros prêmios com o filme *As invasões bárbaras*.

certo ideário decolonialista, que arrebanha grande atenção das mídias locais e captura os órgãos de administração pública.

O riso está presente em todo o filme, divulgado, inclusive, na categoria comédia. Mas gosto mais de pensá-lo como ironia, pois depende do contexto e ao inserir de forma rica elementos de nosso próprio tempo, em suas peculiaridades, nos põe a pensar. Rimos, porque nos vemos inseridos em situações semelhantes. Inspiro-me em Kierkegaard (1991; 2009) para refletir como em uma comédia, o objetivo é fazer rir, provocando quase uma catarse pelo riso. Mas, a ironia objetiva outra coisa: provocar inquietações e reflexões. Pode até provocar o riso, mas não é o tipo de riso provocado em um circo ou em uma comédia de farsas, é um riso de espanto, porque expõe nossas contradições sociopolíticas e autocontradições.

Dito isso, adianto que não vou tomar a pauta do politicamente correto como guia de minhas reflexões, embora ache que seja relevante. Quero tomar como meu guia a pauta do envelhecimento, partindo do mesmo ponto em que o filme se inicia, a moradia para pessoas adultas mais velhas, até onde vemos, todas independentes e autônomas, é preciso destacar. Tal situação já nos tem interessado (Dutra, Protasio e Feijoo, 2024) por apresentar uma temática contemporânea ao considerarmos a alarmante realidade da transformação da pirâmide demográfica, com paridade em quantidade de jovens e velhos já nos próximos anos. Tal fato, traz consequências do ponto de vista da qualidade de vida dos longevos, também, do custo para a saúde pública, da necessidade de moradias e cuidados para velhos cada vez mais dependentes. O grupo das pessoas idosas tem papel importante na economia, por meio do consumo de produtos específicos.

Realidade que tornou-se centro de atenções e relevância a partir da iniciativa da OMS em proclamar o período 2020-2030 como a década do envelhecimento saudável. Tal resolução suscitou investigações de diferentes temas sobre o envelhecimento: os cuidados preventivos com a saúde, a atenção aos cuidadores, a preocupação com as cidades amigas dos mais velhos etc. Na esteira da ditadura de um envelhecimento bem-sucedido, também, se desenha em nosso tempo uma série de imposições: a ditadura da beleza, da atividade física, da alimentação saudável, do envelhecer produtivo – tudo isso contribuindo, como apontou Beltrina Côrte<sup>3</sup> "para a velhice se tornar algo pesado de ser carregado".

Na obra *Testamento*, essas questões são atravessadas pelo politicamente correto, na denúncia da superficialidade e a insensibilidade hegemônica da qual não escapam os jovens, os adultos jovens tampouco os adultos velhos. Apenas o protagonista, Sr. Jean-Michel Bouchard, parece escapar dessa cilada mostrando, em sua sensibilidade e acuidade, captar incongruências ali presentes. Tomarei esse protagonista como guia, olhando por sobre seus ombros, e recolhendo por seu meio, questões que me saltaram aos olhos ao assistir ao filme. Tentarei organizar os temas na ordem em que eles me mobilizaram, especialmente, a questão do envelhecimento.

---

<sup>3</sup> Fundadora do Portal do Envelhecimento, em comunicação oral.

## O modelo de moradia para pessoas mais velhas

Uma casa antiga, uma sala com piano ao centro, um senhor de cabelos brancos executa uma música para uma plateia de três mulheres e um homem. Ao fundo um painel bellissimo, uma obra de arte retratando uma cena histórica em que se encontra de um lado, homens vestidos e com armas de fogo, provavelmente espanhóis invasores daquele território; e de outro, indígenas armados com lanças e seminus.

Essa casa é apontada na sinopse do filme, como casa de repouso para idosos. O que vemos é uma moradia para adultos velhos independentes e autônomos, administrada pelo estado: “Temos uma vida cultural muito animada aqui. Temos oficinas de pintura, um coral” – diz Susanne, a administradora. Ela esclarece ao casal visitante que oferecem também uma variedade alimentar: comida para vegetarianos, veganos e outros tipos de alimentação.

Já, aqui, uma ironia que nos põe a pensar sobre moradias. Um tipo que em nada lembra nossas tradicionais casas de repouso, organizadas pelo modelo médico. Esse tema é bastante relevante e atual, na medida em que precisamos encontrar formas de moradia para aquelas pessoas que envelheceram sozinhas ou que não podem viver com suas famílias.

Naquela casa, os moradores têm independência e autonomia, administram seus próprios espaços, criam suas próprias refeições e recebem visitas. A casa parece funcionar como um grande condomínio, cabendo a uma administradora tratar dos temas que são comuns a todos. O médico não é uma figura central, não se tem a velhice como doença, mas como momento da vida.

Lembro-me de alguns livros que retratam essa experiência de moradia na velhice, como a *Máquina de fazer espanhóis* (Mãe, 2016) ou *Tentativas de fazer algo da vida* (Groen, 2016). Nesses livros, a rotina dos moradores é organizada pelos administradores, as refeições, atividades interativas e integrativas. Há uma hierarquia na qualidade do atendimento, que muda à medida que, também, se altera a situação de independência ou autonomia do morador.

## Envelhecimento e proximidade da morte

Em uma das cenas iniciais, nosso protagonista sai para um passeio ao ar livre. A paisagem escolhida é um cemitério. Ele diz:

*Eu adoro caminhar em cemitérios, são lugares tranquilos onde posso pensar. Meu último suspiro será discreto, vou morrer sem que ninguém perceba. Não me casei, não tive filhos, não vai haver lágrimas no meu funeral. Aliás, não haverá funeral, já providenciei que venham buscar meu corpo rapidamente e, depois de cremar, que joguem minhas cinzas em alguma caixa de compostagem.*

Bouchard, com 73 anos, já se sente pronto para morrer, inclusive, já providenciou seu testamento vital, ou melhor, sua *Diretriz Antecipada de Vontade* (DAV)<sup>4</sup> sobre os procedimentos com seu corpo quando deixar essa vida. Seria esse o mote para o título do filme *Testamento*?

Esse instrumento público (DAV) tem sido objeto de estudos e tem como objetivo que a pessoa, ainda lúcida, decida sobre que tipo de procedimentos autoriza que sejam tomados quando estiver em uma condição que não possa participar dessas decisões.

Como afirmou recentemente Luciana Dadauto, no X Congresso Brasileiro de Cuidados Paliativos<sup>5</sup>, enquanto se ouvia Gilberto Gil cantando “não tenho medo da morte”, que quem deixa um DAV não tem medo da morte, mas tem medo do que será feito com ela antes ou depois de morrer, alertando para que os responsáveis pelo cuidado paliativo defendam os interesses daquele que morrerá como nasceu, sozinho, livre e digno.

Pauta que ganhou relevância, recentemente, com a morte do poeta Antônio Cícero. Cito, novamente, Kierkegaard (2022), sob o pseudônimo Anti-Climacus, que sugere que “aquele que pode morrer, pode viver”. Aquele que não pode morrer, já está morto, pois tende a viver na evitação da morte, da dor e do sofrimento.

Bouchard já se entregou à morte e reflete “é interessante perceber que minha vida terminou. Eu costumava me interessar por política, economia, cultura, agora, se Putin invade a Ucrânia eu fico triste, claro, mas sei que não posso fazer nada. A Ucrânia é muito longe e eu sou muito velho”. Os interesses dos contemporâneos não lhe interessam, tudo lhe é indiferente, não consegue se identificar com suas músicas, com suas pautas, com suas tatuagens. Mas, o medo da morte o assola à noite: “quando isso acontece tomo um tranquilizante”, ele diz.

Esse momento inicial do filme se costura às cenas finais, nas quais Bouchard terá uma disposição oposta: se no início, não se interessava mais pelas pautas sociais de seu tempo, voltará a se interessar como forma de preparar o mundo para a próxima geração, o sucessor, como afirma Gil em sua música, representada pelo bebê que ele tomará sob seus cuidados ao propor casamento à administradora, avó do bebê.

Uma observação pertinente é o caráter autocentrado das reflexões de Bouchard. As gerações vindouras não lhe interessam, a menos que estejam ligadas a ele por laços de sangue ou afetivos, uma tônica de nosso pensar contemporâneo que merece também ser pensada.

---

<sup>4</sup> Saiba mais em <https://www.cremeb.org.br/wp-content/uploads/2017/12/Diretivas-Antecipadas-de-Vontade-Dra-Luciana-Dadauto.pdf>

<sup>5</sup> Evento realizado entre os dias 13 e 16 de novembro de 2024, em Fortaleza/CE.

### **Saúde e promessa de prolongamento da vida**

Aqui temos mais uma pauta poderosa sobre o envelhecimento: aquela que promete quase a imortalidade para aqueles que se mantêm ativos e que cuidam da alimentação. A situação se desdobra em dois momentos na vida de um casal de moradores: o marido acabara de correr 27 km de bicicleta e a esposa do ciclista orgulha-se da performance do marido, enaltece-se que eles dois corram junto a pessoas mais novas e incitam o Sr. Bouchard a fazer o mesmo. Bouchard ironiza ao dizer que caminha pelo quarteirão e é imediatamente zombado pelo casal.

Em outra cena, o marido sofre um infarto fulminante e morre na frente de Bouchard, ao regressar de um circuito. A esposa será responsável por momentos cômicos. Ficará revoltada com a morte do marido e gritará "não é possível, ele nunca fumou um cigarro na vida". O casal não consumia café, ele se exercitava todos os dias, seguia o guia alimentar do Canadá, só ingeriam alimentos orgânicos e... quase foram à falência por isso.

Ele dormia 10 horas por dia, era sexualmente ativo e raramente precisava de Viagra. Fizeram ioga, tai-chi, pensamento positivo, tomaram cúrcuma, melatonina, geleia real, equinácia, óleo de peixe, vitamina B12, "ele fazia tudo certo"...

Aqui, a pauta da alimentação saudável e da atividade física como garantia de adiamento da morte é posta em questão e a esposa protagoniza cenas cômicas ao "chutar o balde" e passar a comer tudo que evitava, torna-se fumante, tudo que não fazia antes e que, como não garantira a imortalidade para seu marido, no seu entendimento não servia para nada. Radicalismo superficial e infantil.

### **Outra pauta do envelhecimento: a indiferença e a solidão**

Essa pauta tem dois momentos: o primeiro, em uma premiação, que parece obedecer ao princípio do politicamente correto ao dar relevância ao tema da libertação feminina. Ali, o velho é um estorvo ultrapassado, de forma agressiva, pelas outras mulheres, também receptoras do prêmio municipal. *Vaginas em chamas* é o título de um dos livros premiados. Bouchard, que está lá também para receber um prêmio, não desperta qualquer interesse, nem como pessoa que tem uma história e, menos ainda, como autor. Na verdade, ele nem é o autor, mas não há qualquer interesse em desfazer esse equívoco.

Bouchard também se queixa de solidão e experimenta um certo saudosismo da vida vivida, que lhe parece sem sabor e que, agora, está acabando. Não se casou e não tem companhia. Teve uma vida pacata trabalhando no arquivo nacional. Não teve ambição e não teve filhos. Enquanto não morre, deram-lhe o privilégio de continuar visitando o arquivo nacional duas vezes por semana. A indiferença, e até desprezo, aparece em sua relação, engraçada, com sua funcionária que, me pareceu, denotar uma ironia sobre si mesmo e sobre a relação intergeracional. A funcionária refere-se a ele como "velho desagradável"

ele se dirige a ela como “serva cruel”. O lugar do velho como desagradável, desinteressante e dispensável.

Para minimizar a solidão, Bouchard recebe, semanalmente, uma jovem e bonita moça. Aqui, há uma pauta também interessante: o “falso” moralismo. A administradora interroga Bouchard sobre a visita dessa moça, argumentando que seu interesse é garantir os bons costumes da casa. Ele demonstra, de forma pragmática, que a tarefa da moça é lhe fazer companhia e escutá-lo contar sobre a mulher que namorou quando jovem e que, agora, viu no enterro. Queixa-se que todos os seus amigos já morreram ou têm Parkinson, Alzheimer, como seu irmão, seus pais. Ele diz: “sinto falta de meus mortos, meus avós, tios, minha mãe e principalmente meu pai”.

Interessante notar que Bouchard quer falar de si, queixa-se que mora só, no entanto ele vive em uma comunidade. Não percebe a vida coletiva, a convivência com os outros. Isso me leva a pensar até que ponto a solidão é, na verdade, a não experiência da vida em comum, o desinteresse com o que não é particular. Isso também transparece no enredo romântico protagonizado por ele e Susanne: Bouchard se interessa por ela, por sua história, e isso será o início de um relacionamento que ganhará contornos românticos e dará um final feliz para o filme, mas um final feliz particular.

### **Outras pautas relevantes sobre o envelhecimento**

A transgeneridade na velhice apresenta-se como uma pauta atual que, pela voz da ironia, nos confronta com os desacertos que temos nessas situações. Uma moradora quer que se refiram a ela no gênero neutro, o que é informado formalmente aos moradores pela administradora, advertindo-os para se atentarem ao modo de falar com essa pessoa. Momentos cômicos são protagonizados na dificuldade de encontrar verbos, substantivos e adjetivos próprios nessa comunicação.

Outro tema relevante diz respeito à administração de uma moradia para idosos. Interessante observar o formato da casa, que não segue o modelo médico. O médico, inclusive, parece ser figura dispensável, substituído pela possibilidade de recorrer a uma ambulância, caso necessário. Isso contrasta com os modelos que conhecemos, que seguem o modelo médico, e os velhos são pensados como doentes que precisam de cuidado, ou o modelo de controle em que, mesmo que os internos não sejam considerados doentes, a dinâmica da instituição é padronizada e instituída para todos, sem lugar para a liberdade.

Sobre esse ponto, uma das queixas dos moradores de residências para idosos é a falta de liberdade para decidir sobre sua própria rotina: o que comer, quando tomar banho, atividades cotidianas que, em um espaço orientado pelo controle, precisam ser rigidamente orquestrados. Ali, na residência retratada pelo filme, a alimentação e o banho não aparecem como questão. No entanto, há grande interesse pela oferta de atividades culturais. Momentos divertidos acontecem quando a biblioteca é substituída por uma sala de videogames por determinação

do Ministério da Saúde, que concluiu que os jogos eletrônicos são melhores que os livros para as atividades cerebrais dos idosos. Aqui, novamente, além da ironia posta em questão, que nos leva a refletir sobre essa transformação e sobre a redução da tecnologia a jogos de videogame como atividade para os idosos, há cenas cômicas dos velhos tentando aprender a jogar e, mais tarde, veremos que alguns estarão viciados, sem limites para a prática dos jogos eletrônicos.

### **Os desacertos do politicamente correto: um esboço de conclusão**

Bouchard será um ajudante e companheiro na crise vivida por Susanne, e pela instituição, quando um grupo de jovens, pretensamente defensores dos povos originários, instala-se em frente à casa em protesto. O argumento dos jovens é que um painel instalado é um desrespeito pelos povos originários. Desconhecendo o caráter situacional e histórico da cena retratada, exigem apagamento daquela versão.

Mas o “politicamente correto” se mostrará uma areia movediça e ninguém saberá como lidar com as repercussões das atitudes daqueles jovens, que se provarão brancos, de classe média e sem qualquer relação com os povos originários.

A mídia parecerá mais interessada na audiência, retratando o que acontece na frente da instituição sem qualquer intervalo crítico. Os debates entre os deputados mostrarão, também, sua fragilidade, com discursos inflamados que mudam de lado segundo as pressões. A ministra, também, se mostrará sensível às pressões, decidindo que a "verdade não importa, as aparências sim", usando seu poder para determinar quem será o bode expiatório entregue à multidão para calar seus protestos. Assim, são apagados a administradora Susanne e o painel, para prejuízo do Estado quando aparecem outras figuras públicas, os conhecedores de arte.

A ironia foi a linguagem escolhida pelo diretor do filme para provocar a suspensão do pensamento hegemônico por meio do espanto. Do mesmo modo que a ironia expôs os limites da promessa de vida eterna, preconizada pela perspectiva do cuidado com o corpo que se mantém saudável e em movimento, também mostra, de forma jocosa, a solidão, resultado da pouca disponibilidade social para ouvir o outro, para construir intimidades com o outro, apesar dos espaços comunitários, imperam relações formais e superficiais entre aqueles moradores. É exposta a cegueira no debate sobre as questões sociais: onde se encontra o arrazoado naqueles que têm a voz da razão/poder?

A ironia estará presente o tempo todo na tensão com os discursos atuais, sobre a velhice e sobre pautas sociais. Jean-Michel é o protagonista dessa atmosfera. Ele vê para além do explicitado e se mantém na posição irônica que coloca em suspeita o explícito. Esse gesto não transforma a realidade, e sequer provoca um enfrentamento com a realidade, sua ação-atmosfera é mais do que enxergam os políticos e, até mesmo, a diretora Susanne. Trata-se de um convite para que despertemos, assim como Susanne vai despertando aos poucos nos

diálogos com Jean-Michel. Resta saber se nós, espectadores, seremos capazes de saltar do espanto para um compromisso mais sério com a realidade.

### **Ficha técnica**

*Título original:* Testament

*Direção e roteiro:* Denys Arcand

*Elenco:* Rémy Girard [Jean Michel Bouchard], Sophie Lorain [Susanne Lorain Cavalière], Marie-Mai [Flavie, a esposa do ciclista]

*Produção do Canadá:* se passa em Québec (de fala francesa)

### **Referências**

DUTRA, N. S., PROTASIO, M. M. & FEIJOO, A. M. L. Entre estigmas e possibilidades: ser velho nas instituições de longa permanência para idosos. *Estudos interdisciplinares do envelhecimento*. Porto Alegre, 2024, 29, pp. 1-17. DOI: 10.22456/2316-2171.132304 Acesso em: 10 dez. 2024.

GROEN, H. *Tentativas de fazer algo da vida*. São Paulo: Planeta, 2016.

KIERKEGAARD, S. *O conceito de ironia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. *A repetição*. Lisboa: Ed. Relógio D'Água, 2009.

\_\_\_\_\_. *A doença para a morte*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2022.

MÃE, V. H. *A Máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Azul, 2016.

*Data de recebimento:* 20/01/2025; *Data de aceite:* 10/03/2025.

---

**Myriam Moreira Protasio** - Psicóloga. Doutora em Filosofia. Sócia fundadora do IFEN – Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro, onde é professora, supervisora e coordenadora do Grupo de Pesquisa *O envelhecer e o envelhecimento na atualidade e da Formação em Psicologia Clínica com ênfase em Kierkegaard*. Pesquisadora no Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial - LAFEPE/UERJ. E-mail: myprotasio@yahoo.com.br